



Fundação Pedro Calmon

**FLORILÉGIO
DO DOIS DE JULHO**

CASTRO ALVES

Inclui: letra do *Hino ao 2 de Julho*

**FLORILÉGIO
DO
DOIS DE JULHO**

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

Av. Sete de Setembro, 282 – Edf. Brasilgás

– Centro – Salvador – Bahia –

40060-001 – (71) 3116-6911/12/13

www.fpc.ba.gov.br

leituraelivro.blogspot.com

CASTRO ALVES

**FLORILÉGIO
DO
DOIS DE JULHO**

**Secretaria de Cultura
Fundação Pedro Calmon
Salvador – 2012**

Copyright©2012 by domínio público

JAQUES WAGNER

Governador do Estado da Bahia

ANTÔNIO ALBINO CANELAS RUBIM

Secretário de Cultura do Estado da Bahia

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO

Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon

MAYRANT GALLO

Diretor do Livro e da Leitura

EQUIPE EDITORIAL DA FPC

Mayrant Gallo: coordenação da edição e org. do original

Graça Câmara e Dênisson Padilha Filho: revisão

Raquel Silva: pesquisa

Capa: Raimundo Cardoso

Ilustração de capa e interna: Naara

Diretoria de Bibliotecas — Gerência Técnica

(Fundação Pedro Calmon — BA)

A321 ALVES, Castro (1847-1871)
Florilégio do Dois de Julho. / Castro Alves —
Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2012.
44p. : ilustrado.

1. Literatura Brasileira — poesia. I. Título

CDD 869.91

SUMÁRIO

Ao Dous de Julho.....	7
Ode ao Dous de Julho	15
Ao dia Dous de Julho.....	21
Ao Dois de Julho.....	35
<i>Anexo:</i> Hino ao 2 de Julho	39

AO DOUS DE JULHO

(Recitada no Teatro S. João)

É a hora das epopeias,
Das Ilíadas reais.
Ruge o vento — do passado
Pelos mares sepulcrais.
É a hora, em que a Eternidade
Dialoga a Imortalidade...
Fala o herói com Jeová!...
E Deus — nas celestes plagas —
Colhe da glória nas vagas
Os mortos de Pirajá.

Há destes dias augustos
Na tumba dos Briaréus.
Como que Deus baixa à terra
Sem mesmo descer dos céus.
É que essas lousas rasteiras
São — gigantes cordilheiras
Do Senhor aos olhos nus.
É que essas brancas ossadas
São — colunas arrojadas
Dos infinitos azuis.



Sim! Quando o tempo entre os dedos
Quebra um séc'lo, uma nação...
Encontra nomes tão grandes,
Que não lhe cabem na mão!...
Heróis! Como o cedro augusto
Campeia rijo e vetusto
Dos séc'los ao perpassar,
Vós sois os cedros da História,
A cuja sombra de glória
Vai-se o Brasil abrigar.

E nós, que somos faíscas
Da luz desses arrebois,
Nós, que somos borboletas
— Das crisálidas de avós,
Nós, que entre as bagas dos cantos,
Por entre as gotas dos prantos
Inda os sabemos chorar,
Podemos dizer: “Das campas
Sacudi as frias tampas!
Vinde a Pátria abençoar!...”



Erguei-vos, santos fantasmas!
Vós não tendes que corar...
(Porque eu sei que o filho torpe
Faz o morto soluçar...)
Gemem as sombras dos Gracos,
Dos Catões, dos Espartacos
Vendo seus filhos tão vis...
Dize-o tu, soberbo Mário!
Tu, que ensopas o sudário
Vendo Roma — meretriz!...

Ai! Que lágrimas candentes
Choram órbitas sem luz! —
Que ideia terá Leônidas
Vendo Esparta nos paus?!...
Alta noite, quando pena
Sobre Árcole, sobre Iena,
Bonaparte — o rei dos reis —,
Que dor d'alma lhe rebenta.
Ao ver su'águia sangrenta
No sabre de Juarez!?!...



Porém aqui não há grito,
Nem pranto, nem ai, nem dor...
O presente não desmente
Do seu ninho de condor...
Mãos, que, outrora de crianças
A rir — dentaram as lanças
Dos velhos de Pirajá...,
De homens hoje, as empunhando,
Nas batalhas afiando,
Vão caminho de Humaitá!...

Basta!... Curvai-vos, ó povo!...
Ei-los os vultos sem par,
Só de joelhos podemos
Nest' hora augusta fitar
Riachuelo e Cabrito,
Que sobem para o infinito
Como jungidos leões,
Puxando os carros dourados
Dos meteoros largados
Sobre a noite das nações.



ODE AO DOUS DE JULHO

(Recitada no Teatro de S. Paulo)

Era no dous de julho. A pugna imensa
Travara-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pálido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
“Neste lençol tão largo, tão extenso,
“Como um pedaço roto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito:
“Qual dos gigantes morto rolará?!...”

Debruçados do céu... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era a tocha — o fuzil avermelhado!
Era o Circo de Roma — o vasto chão!
Por palmas — o troar da artilharia!
Por feras — os canhões negros rugiam!
Por atletas — dous povos se batiam!
Enorme anfiteatro — era a amplidão!



Não! Não eram dous povos, que abalavam
Naquele instante o solo ensanguentado...
Era o porvir — em frente do passado,
A Liberdade — em frente à Escravidão,
Era a luta das águias — e do abutre,
A revolta do pulso— contra os ferros,
O pugilato da razão — com os erros,
O duelo da treva — e do clarão!...

No entanto a luta recrescia indômita...
As bandeiras — como águias eriçadas —
Se abismavam com as asas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cego de metralha,
O arcanjo do triunfo vacilava...
E a glória desgrenhada acalentava
O cadáver sangrento dos heróis!...

.....

.....



Mas quando a branca estrela matutina
Surgiu do espaço... e as brisas forasteiras
No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hinos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu — Liberdade peregrina!
Esposa do porvir — noiva do sol!...

Eras tu que, com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a Colúmbia terra,
Sagravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pirâmide,
Formada pelos mortos de Cabrito,
Um pedaço de gládio — no infinito...
Um trapo de bandeira — n'amplidão!...



AO DIA DOUS DE JULHO

Versos recitados em uma reunião de estudantes baianos

PARTE PRIMEIRA

O CATIVO

Que céu tão negro... que tão negra a terra,
Rugindo rola-se o trovão no espaço...
Falanges negras de chumbadas nuvens
Raios vomitam num medonho abraço...

Na terra perdem-se ao tinir de ferros
Entre soluços mil sentidos cantos,
E ao som do cedro que os machados
[tombam
Chora o cativo amargurados prantos.

Do rosto másculo lhe goteja a lágrima
Que as ervas torra do queimado chão.
Procura a esposa que lhe mostre o filho...
O céu troveja e lhe responde — não.



Um suor frio lhe passou nos membros...
No corpo a vida para sempre cansa.
Caiu por terra, mas lembrando o filho
Com os lábios hirtos repetiu — vingança.

Nem pôde ao menos abraçar a esposa
Na hora triste do seu passamento.
São-lhe sudário da mangueira velha
As folhas secas que lhe atira o vento.

Só tem por prantos o gemer tristonho
Da ventania que rugindo passa.
— Triste epopeia do guerreiro forte
Que enfim, cativo fez a morte escassa...

E após... Um dia a soluçar nos ferros
Passa o filhinho p'la senil mangueira...
E passa o triste sem saber ao menos
Do pátrio túmulo ter passado à beira...



PARTE SEGUNDA

A VINGANÇA

Não ouvís que voz terrível
Que nos traz a ventania
Que há pouco só nos trazia
Tristes suspiros de dor?...
E do relâmpago sinistro...
Vede... As lousas estalaram...
E os espectros acordaram...
Medonhos no seu furor...

Ergueram-se mil fantasmas
Hirsutos e suarentos
A branca mortalha aos ventos
Flutua longa alvadia.
Tiradentes mostra o insulto
Que lhe pesa sobre a fronte,
Gonzaga aponta o horizonte
Co'a mão descarnada e fria.



E Cláudio, e o forte Alvarenga
Recordam o seu passado,
Só de dores coroados...
— Triste c'roa do infeliz...
Pedem castigo pra aqueles
Que assinaram a — sentença —
— De — morte — a quem na defesa
Lutava de seu país.

A mãe clama pelo filho...
E pelo amante a donzela...
O índio pela mata bela
Onde a vida lh'era mansa...
— Vingança — uníssona e forte
Uma voz terrível brada...
Três séculos surgem do nada
Para bradarem — vingança —

.....

.....



PARTE TERCEIRA

SAUDAÇÃO

Quereis que vos conte a história brasílea
Que Deus copiara sorrindo talvez...
E as lutas terríveis do moço gigante
Com o velho que ao mundo ditara só leis...

Oh! Não... Que sois filhos do povo dos
[bravos...
Sois filhos hercúleos do hercúleo cruzeiro...
Sabeis esta história... Quem é que
[não sabe-a?...
Quem é?... Se não sabe-a... não é Brasileiro.

E a este que a digam as águas de prata
Que um dia de sangue ficaram também...
Que a digam as águias, que viram as lutas
E foram contá-las às águias de além...

E o velho vigia dos louros da pátria
Da história brasílea servil sentinela
— O campo formoso ao grão Pirajá —
Que para cantá-la deitado lá vela.



E após essa luta... Nos ares um grito
Passou repetindo-se em vales e montes...
E a ouvi-lo os tiranos nos tronos tremeram
E viram tremerem-lhe as c'roas nas fronte...

E um povo de bravos ergueu-se dizendo:
“Já somos nós livres, já somos nação!...”
Co'as águas imensas o imenso Amazonas
Pomposo repete: — “Sou livre em
[meu chão!...”

E ao grito de livres as fontes correram
E em lindas cascatas os rios saltaram...
Ergueram-se cantos festivos de hosanas,
As flores do seio da terra brotaram...

É hoje, senhores, o dia da pátria.
Que d'alma — os Baianos — conservam
[no fundo,
Saudemos o dia que ergueu-nos do lodo...
Que marca um progresso na vida do mundo.



Senhores, a glória de um povo é ser livre...
O nome de livres é o nosso brasão.
Seja esta a divisa da nossa existência.
E este epitáfio se escreva no chão...

AO DOIS DE JULHO

Índio gigante adormecera um dia:
Junto aos Andes por terra era prostrado;
Diríeis um colosso deslocado
De um pedestal de imensa serrania.

Dos ferros a tinir a voz sombria
Desperta-o... Ruge-lhe o trovão um brado.
Roçam-lhe a frente as nuvens... sopesado
À destra o fulvo raio lhe alumia.

Foi luta de titãs, luta tremenda!
Enfim aos pés do Atlante americano
S'estorce Portugal n'angústia horrenda.

E hoje o dedo de Deus escreve ufano:
Tremei, tiranos, desta triste lenda;
Livres, erguei o colo soberano!



ANEXO

HINO AO 2 DE JULHO

Nasce o sol a Dous de Julho
Brilha mais que no primeiro
É sinal que neste dia
Até o sol é brasileiro.

Nunca mais o despotismo
Regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros corações.

Salve, oh! réguas campinas,
De Cabrito e Pirajá
Nossa pátria hoje livre,
Dos tiranos não será.

Cresce, oh! filho de minh'alma,
Para a pátria defender,
O Brasil já tem jurado
Independência ou morrer.

Letra: Ladislau dos Santos Titara.
Música: José dos Santos Barreto.



CASTRO ALVES nasceu Antônio Frederico de Castro Alves, em 14 de março de 1847, na fazenda Cabaceiras, às margens do rio Paraguaçu, perto da vila de Curralinho, atualmente município de Cabaceiras do Paraguaçu, e faleceu em 6 de julho de 1871, em Salvador. Foi um dos mais importantes poetas do Romantismo brasileiro, tanto pelo valor estético de sua obra quanto pelo assunto, muitas vezes tomando partido de causas sociais, como a luta contra a escravidão negra, o que lhe conferiu o epíteto *Poeta dos Escravos*. Publicou pouco, porque morreu cedo, como muitos poetas românticos. Obras principais: *Espumas flutuantes* (1870) e *Os escravos* (1883), no qual encontram-se seus dois poemas mais célebres, *O navio negreiro* e *Vozes d'África*. No *Catorze de Março*, dia do seu aniversário, comemora-se o *Dia Nacional da Poesia*.

JAM,
JURÍDICA
EDITORA

Esta reunião dos poemas de Castro Alves sobre o *Dois de Julho* foi impressa em papel Chamois Bulk 80g (miolo) e Couché 150g (capa), nas fontes Georgia, Arial Black e Times New Roman, e formato 10,5x14,5cm, no outono de 2012, para os festejos do *Dois de Julho*. Usou-se como base o texto das *Poesias completas de Castro Alves* (Ediouro, 1987). A tiragem, de 3.000 exemplares, será distribuída gratuitamente.



Fundação Pedro Calmon

**FLORILÉGIO
DO DOIS DE JULHO**

CASTRO ALVES

Inclui: letra do *Hino ao 2 de Julho*